

Centro de Cidadania Digital é uma referência na área da inovação social

“Apesar dos avanços que temos tido ainda falta muito trabalho para “alfabetizar” digitalmente a população portuguesa” – afirma João Baracho, diretor-executivo do CDI Portugal.

No que respeita ao modelo educativo, João Baracho considera que “a aproximação da realidade das empresas à escola é fundamental e ainda estamos num patamar muito distante dessa ambição”.

“Para 2023 pretendemos continuar a consolidar o modelo do Centro de Cidadania Digital que já se tornou uma referência no nosso setor”, acrescenta.

Vida Económica – Em que ponto está a literacia digital em Portugal?

João Baracho – Esta questão pode ser colocada de diversas formas com resultados muito diversos. De facto, acredita-se que dois em cada dez portugueses não têm acesso à internet. Mas este resultado será bastante menos otimista quando analisado detalhadamente. O acesso à internet não implica o conhecimento ou a literacia digital mínima. Pode-se ser um utilizador intenso de Whatsapp, Tik Tok ou Facebook e não fazer ideia de como se envia um e-mail, como se paga os impostos utilizando os meios digitais ou, ainda mais fundamental no futuro, como se assina um documento de forma digital utilizando aquilo que já possuímos no cartão de cidadão. Por isso, a minha resposta é que, apesar dos avanços que temos tido ainda falta muito trabalho para “alfabetizar” digitalmente a população portuguesa.

VE – Tendo em conta a vossa experiência, quais são as principais necessidades de formação da população portuguesa?

JB – De um modo geral, a literacia digital básica é fundamental para os mais jovens que estão a iniciar os seus percursos escolares, mas também para as pessoas com uma idade mais avançada que nunca tiveram contacto com a tecnologia. Nesse sentido, existem, neste momento, inúmeros e fantásticos projetos de requalificação de forma a readaptar os colaboradores a este novo mundo do trabalho e inúmeros projetos de literacia digital para seniores minimizando o seu isolamento e exclusão.

No que respeita ao modelo educativo, não há dúvida que a aproximação da realidade das empresas à escola é fundamental e ainda estamos num patamar muito distante

Entidade de Missão Portugal Inovação Social é um caso de sucesso em termos europeus

dessa ambição. É necessário refazer currículos e metodologias, rever a formação e preparação dos professores, revendo também a sua carreira que, preferencialmente, não deve ser exclusivamente académica.

VE – Qual é o balanço da atividade do CDI em 2022 e quais são as perspetivas para 2023?

JB – O CDI Portugal tem vindo a crescer sucessivamente de forma sustentada. Em 2022 continuamos a alargar atividades nos Centros de Cidadania Digital em Valongo aumentando o número de beneficiários e iniciativas, mas, principalmente, continuando a inovar e a surpreender. Com grande apoio do município, a gestão deste ecossistema ligando escolas, empresas e comunidade através da tecnologia tem vindo a consolidar-se como um projeto de referência na área da inovação social. Aqui os beneficiários aprendem a acreditar no poder da tecnologia para abrir horizontes e oportunidades e tornar possíveis grande parte dos sonhos. No Apps for Good voltamos a envolver cerca de 200 escolas a nível nacional contando nestes últimos nove anos com 25 650

alunos e 1550 professores. Mas não foi um ano igual aos anteriores... Devido ao sucesso do piloto Apps for Good Prisões, aplicado com reclusos dos estabelecimentos prisionais, demos continuidade ao projeto com maior número de alunos. No que se refere a conteúdos, estendemos o nosso programa de “Transição Climática” a todas as escolas do país. Mas a nossa ambição é poder alcançar um modelo replicável e economicamente viável e, por isso, analisámos detalhadamente toda a “jornada” do programa com o objetivo de detetar os pontos fulcrais para o seu crescimento. Para isso finalizámos o desenvolvimento da plataforma de conteúdos que, sendo baseada na “cloud” permite a sua utilização em qualquer parte do mundo sem custos adicionais e iniciámos um piloto de formação de formadores para podermos alargar o alcance da nossa formação creditada.

Para 2023 pretendemos continuar a consolidar o modelo do Centro de Cidadania Digital que já se tornou uma referência no nosso setor. No que respeita ao Apps for



“Existem aspetos fundamentais que, sendo melhorados, poderiam fazer com que os fundos existentes tivessem muito mais impacto”, afirma João Baracho.

do Apps for Good Local nos 17 municípios da Área Metropolitana do Porto. Além disso, continuamos a expandir o nosso projeto nos estabelecimentos prisionais, a dinamizar o curso de Transição Climática e a criar algumas atividades relacionadas com a eletrónica para a sensibilização dos alunos para esta área. Quanto ao futuro estamos otimistas. Temos como metas consolidar o CDI Portugal como uma ONG de referência no sector da inovação social, consolidar o conceito dos Centros de Cidadania Digital de maneira a facilitar a sua replicação e chegar a todas as escolas do país através do projeto Apps for Good que esperamos vir a internacionalizar nos próximos três anos.

VE – Tendo em conta o valor do papel desempenhado pelas ANG, como é o caso do CDI, considera que os apoios existentes são suficientes ou deveriam ser melhorados e em que aspetos?

JB – Pelo muito que existe para fazer a resposta simples e direta é que os apoios serão sempre insuficientes. Existem, porém, aspetos fundamentais que, sendo melhorados, poderiam fazer com que os fundos existentes tivessem muito mais impacto. Mas como em todos os setores estou a falar de alterações estruturais muito difíceis de executar, seja porque se prendem a conceitos culturais muito enraizados, porque questionam hábitos e pessoas consideradas inquestionáveis e ainda porque “sempre foi assim”.

A economia social é um setor muito grande com algumas subdivisões: De modo simplista podemos dividi-la em assistencialista, de emergência ou de inovação social. Esta última é responsável por criar modelos que têm como impacto reduzir a dimensão e respetivo custo das duas primeiras. Mas o facto é que a maioria dos fundos certos e plurianuais estão maioritariamente cativos no orçamento do estado para as duas primeiras. Portugal tem feito um caminho fantástico na evolução do empreendedorismo social onde academicamente estamos bastante avançados, com gestores fantásticos, mas continua ainda com um razoável atraso cultural relativamente aos países mais desenvolvidos no que respeita à atitude das empresas na abordagem a este setor. Apesar disso, e ainda relativamente à atitude do estado português, não posso deixar de referenciar a Entidade de Missão Portugal Inovação Social que, para além de ser um caso de sucesso em termos europeus, tem sido um fortíssimo dinamizador do setor da inovação social no nosso país através da sua intervenção direta na qualificação e financiamento de projetos e empreendedores fantásticos e inovadores.

Good continuaremos a preparar a expansão para todas as escolas do país e para a internacionalização. Restará a ambição de chegarmos a todas as escolas portuguesas espalhadas pelo mundo, mas não perdemos a esperança de o conseguir e de ter uma competição que reúne escolas portuguesas em todo o globo.

Apps for Good com versão 2.0

VE – Quais são os projetos mais importantes em que estão envolvidos e como encaram o futuro?

JB – Como disse anteriormente, os nossos projetos são o Centro de Cidadania Digital e o Apps for Good. No primeiro lançámos agora um projeto de “gaming” inclusivo que pretende desmistificar o estigma negativo associado aos videojogos e associá-lo a competências fundamentais para os empregos do futuro. No segundo estamos a lançar a versão 2.0 que permite aos alunos participarem mais do que um ano na competição e estamos a implementar um piloto